

FOTOS ANDERSON SCHNEIDER/DIVULGAÇÃO



Meninos brincam no primeiro dia de Eid, o feriado religioso mais importante do mundo islâmico



Ibrahim, quatro anos, no acampamento onde refugiados curdos foram assentados após expulsão, por Saddam

Retrato das histórias ocultas do Iraque

Anderson Schneider fala sobre sua carreira no Foto em Pauta e mostra ensaio sobre o Iraque do pós-guerra

MARIA LUTTERBACH

Quando resolveu fotografar o pós-guerra do Iraque, Anderson Schneider se propôs um recorte que deixou seu trabalho a milhas de distância das imagens divulgadas pela imprensa sobre o conflito. O que interessava à lente dele eram as histórias de vida ocultas atrás da incessante cobertura jornalística da guerra. A percepção do combate captada nas expressões de pessoas comuns aparece nas fotografias de

Schneider que poderão ser vistas amanhã, no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), quando ele vai conversar com o público dentro do projeto Foto em Pauta.

O que o fotógrafo registrou no ensaio "Cicatrizes - Iraque Um Ano Depois" - foi produto de uma verdadeira aventura: entre janeiro e fevereiro de 2004, um ano após as primeiras ofensivas lideradas pelos Estados Unidos, ele escapou de acidentes e explosões e foi preso cinco vezes. Nas fotografias, civis

de diferentes regiões do Iraque pós-guerra vivem em um país com falta de moradia, deficiências no sistema de saúde, sem polícia nem sistema judiciário. Sempre acompanhado de guias - porque no Iraque pouca gente fala inglês -, Schneider encontrou um povo dócil e hospitaleiro com completa consciência da gravidade da situação.

"As pessoas que são vítimas de alguma concussão social muito grande, por mais simples que sejam, sabem que é importante mos-

trarem o que está acontecendo. Entendem que se deixar fotografar naquela situação é uma chance de que aquelas coisas deixem de acontecer. Às vezes é até uma coisa difícil de controlar porque elas sentem um excesso de expectativa. Elas não se vêem simplesmente como vítimas, mas como peças de uma engrenagem maior", avalia o fotógrafo.

Depois de trabalhar cinco anos em veículos de comunicação como o jornal "Correio Brasiliense" e a

revista "IstoÉ Dinheiro", Anderson Schneider, paranaense radicado em Brasília, optou pelo trabalho autônomo. "Eu tinha um desejo de ter um controle maior sobre o fluxo narrativo e também sobre o produto final", conta.

AGENDA - Foto em Pauta com projeções de fotografias de Anderson Schneider, amanhã, às 19h, no Museu Histórico Abílio Barreto (av. Prudente de Moraes, 202, Cidade Jardim). Entrada franca.

Profissional alia estética com realidade

A concepção estética que Anderson Schneider imprime em sua fotografia segue uma linha que, segundo ele, não se diferencia muito de um trabalho para outro. "É lógico que me preocupo em deixar uma imagem mais interessante, mais forte, mais ou menos palatável, mas existe um limite, que é a realidade. Os meus recursos estéticos fotográficos são importantes e tento fazer da melhor maneira possível, mas tenho uma preocupação muito grande de não cair no maneirismo da forma pela forma e também de nunca escolher os conteúdos para que eles se adaptem na forma que escrevi", diz.

Com preferência assumida

pela fotografia em preto e branco, ele lembra que, dentro das empresas jornalísticas, a decisão pela cor ou o P&B era mais uma que ficava fora do seu alcance. "Tenho uma tendência muito grande a enxergar o mundo em tons de cinza, mas dentro de um indústria isso é algo que não cabe a mim", acrescenta ele, que define a fotografia como um recurso físico que permite transmitir pensamentos e sentimentos.

Profissão

Quando aponta as amarras do trabalho nas empresas jornalísticas, Schneider reconhece, ao mesmo tempo, que a carreira em jornais e revis-

tas foi fundamental para que ele entendesse como a fotografia se encaixa nas empresas de comunicação: "Mas o espaço de manobra que o profissional tem é adaptado à produção jornalística, quando no meu entendimento devia estar adaptado ao que ele está fotografando". Mesmo não se identificando com uma linha conceitual específica dentro da fotografia, Schneider se identifica com profissionais como Dom McCullin, James Nachtwey, Sebastião Salgado, Eugene Richards, Larry Towell, além de fotógrafos de gerações mais novas, entre eles os dinamarqueses Erik Refner, Joachim Ladefoged e o inglês Marcus Bleasdale. (MLutt)



Desabrigados instalados em ruínas do quartel Fedahin. Mais de 40 famílias moram nesses escombros